

★ EDITORIAL

Desde 2015, a revista *Olhares* mantém publicações para difundir e fomentar o pensamento sobre o teatro, a produção artística, a pesquisa e as trajetórias de artistas e técnicos, nas mais diversas funções.

Neste volume 10 da revista, a Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH), com imenso orgulho, traz na capa a dançarina Ruth Aprígio (Amoa) que, generosamente, compartilhou sua história de vida. Cresceu em contato com a dança e, até hoje, aos 94 anos de idade, dança pelo prazer de explorar os movimentos que a inspiram a seguir seu sonho de existência. Sua presença na cena é marcada, ainda, pelo trabalho como camareira, parceira de grandes atores e atrizes: Raul Cortez, Bibi Ferreira, Fernanda Montenegro, Fernanda Torres, entre tantos outros.

Na esteira das experiências e legados transmitidos e compartilhados, a *Olhares* apresenta o dossiê *Teatro do Oprimido – Reinvenções da Resistência* com 11 artigos de artistas e pesquisadores, com sólida e contínua participação no Teatro do Oprimido (TO). A aproximação com as diversas pesquisas implicou um olhar expandido para o desenvolvimento das referências teórico-práticas sobre o assunto. Experiências que se deslocaram para diversas regiões do Brasil e para o Equador, dando continuidade ao trabalho do TO, que alia o teatro à ação social, suas técnicas e práticas difundidas pelo mundo, amplamente empregadas por artistas pesquisadores que entendem o teatro como instrumento de emancipação política nas áreas da educação, das artes e no sistema prisional.

Contamos ainda com a resenha de *Teatro e sociedade: novas perspectivas de história social do teatro*, livro organizado por Tania Brandão, Henrique Gusmão e Valmir Aleixo que, a partir de uma dezena de textos provocativos, apresentam a História do Teatro como um campo de estudos novo e, conseqüentemente, um campo mutável e em formação.

Alinhada ao dossiê, a resenha a partir do livro *Teatro do oprimido e universidade: experiências pedagógico-artivistas e(m) redes para esperar, organizado por seis pesquisadores sobre o Teatro do Oprimido*, conta com uma série de dez artigos que trazem à baila diversas temáticas, mantendo contato com o eixo central do Teatro do Oprimido (TO), os quais elaboram reflexões acerca de como a práxis booleana segue atual e atuante sob variados aspectos.

Seguindo a linha de trajetórias de vocação de existência, quer seja da dançarina Ruth Aprígio, quer seja dos pesquisadores-atuadores do TO, na sessão Fluxo Contínuo, publicamos três artigos desenvolvidos a partir de “olhares” implicados em refletir sobre a arte posta em cena, a necessidade da arte e o uso das cartas como recurso metodológico de aprendizagem.

Em, *A estética da precariedade*, Ana Paula Dessupoio Chaves apresenta a trajetória do grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone e a montagem icônica de *Trate-me Leão*. Em *A necessidade da Arte: um questionamento a uma sociedade sem equilíbrio*, Victor Moura Silva e Márcia Cristina Pollachini da Silveira apresentam ao leitor um artigo sobre a importância da arte em toda a trajetória da humanidade, apontando que, nos dias de hoje, os olhares não se voltam para se lembrar do quanto a arte nos amparou por mais de XXI séculos.

Na sequência, lança a provocação: “Entretanto, poderá a sociedade contemporânea desconhecer todos os esforços feitos pela arte até agora? Em *O uso das cartas como procedimento no ensino em teatro na universidade uso federal do Amapá*, Adélia Aparecida da Silva Carvalho apresenta um relato de duas experiências mediadas pela escrita de cartas como ferramenta metodológica com alunos dos cursos de Licenciatura em Teatro e Especialização em Estudos Teatrais Contemporâneos da Universidade Federal do Amapá.